

Os feminismos negros: a reação aos sistemas de opressões

ROSALIA DE OLIVEIRA LEMOS*

Resumo: Neste artigo apresento reflexões sobre o nascimento do conceito de Feminismo Negro através do papel desempenhado por afroamericanas e brasileiras. Resgato a contribuição de Sojourner Truth como a primeira mulher negra em diáspora a problematizar as singularidades entre brancas e negras. Em seguida apresento parte da Declaração Feminista Negra, de 1974, que pontua os princípios norteadores do Feminismo Negro construídos por afroamericanas. Na terceira parte discuto os feminismos Negros no Brasil e, nas considerações finais, apresento alguns desdobramentos atuais do conceito original que demarcam as especificidades no ativismo contemporâneo das mulheres negras, que foram potencializados com a realização Marcha das Mulheres Negras 2015 Contra o Racismo a Violência e Pelo Bem Viver.

Palavras-chave. Feminismo Negro; Mulheres Negras; Diáspora Africana; Gênero; Marcha das Mulheres Negras 2015 e Racismo.

The Black Feminisms: a reaction to the oppressions systems

Abstract: This article presents reflections on the birth of the concept of Black Feminism through the role played by afroamerican's and brazilians. I Redeem the Sojourner Truth's contribution as the first black woman in diaspora to discuss the singularities between white and black women. I present the Declaration of Feminist Black, 1974 for punctuates the guiding principles of Feminism Black built by afroamericanas. In the third part I discuss feminisms Blacks in Brazil and, in concluding remarks, I present some current developments of the original concept that demarcate the specifics in contemporary activism of black women, which were boosted with the realization of the March of Black Women 2015 Against Racism and Violence and for the Well Living.

Key words: Black Feminism; Black Women; African Diaspora; Genre; March of Black Women 2015 and Racism.



* ROSALIA DE OLIVEIRA LEMOS é Doutora em Políticas Públicas na Universidade Federal Fluminense; ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-3700-4315>.



1. A *herstória* do feminismo negro

Enquanto muitos homens negros ativistas políticos simpatizavam com a causa da defesa dos direitos das mulheres, eles não queriam perder a sua própria oportunidade de ganhar o voto. As mulheres negras foram colocadas num duplo dilema; ao apoiarem o sufrágio feminino implicava que elas estavam a aliar-se às mulheres brancas ativistas que tinham publicamente revelado o seu racismo, mas ao apoiarem apenas o sufrágio do homem negro estavam a endossar a ordem social patriarcal que não iria conceder-lhes nenhuma voz política. Sojourner Truth foi a que mais abertamente se pronunciou sobre este assunto. Ela argumentou publicamente a favor das mulheres ganharem o voto e enfatizou que sem este direito as mulheres negras teriam de se submeter à vontade dos homens negros. O seu famoso discurso, “há uma grande agitação sobre os homens negros terem os seus direitos, mas nem uma palavra sobre as mulheres negras; e se os homens negros tiverem os seus direitos, e não as suas

mulheres negras, vocês verão os homens negros serem donos das mulheres, e será tão mau como foi até então”, lembrou ao público americano que a opressão sexista era uma ameaça real à liberdade das mulheres negras tal como a opressão racial. Mas apesar dos protestos das mulheres ativistas brancas e negras, aconteceu o dia em que os homens negros receberam o voto (HOOKS, 1981, p. 06).

O resgate das primeiras sinalizações para a construção do conceito de Feminismo Negro tem como ponto inicial a vida e a *herstória*¹ das mulheres negras norte-americanas. Entretanto, *herstórias* paralelas foram vivenciadas por diferentes mulheres negras, em diáspora africana em várias

¹ June Sochen destaca “el androcentrismo de la disciplina histórica a través de la descomposición de history: his- (su de él) e-story (historia): historia del varón, tal y como denunciaron las feministas de los años sesenta y setenta. Historia de la mujer, como forma de reclamar una narrativa propia y exigir que la historia de las mujeres fuera incluida en la Historia oficial” (JABARDO VELASCO, 2012, p. 210-211).

partes do mundo, que se traduziram em ações e reações equivalentes contra as forças de opressão, que caracteriza o eixo comum com a realidade das mulheres africanas escravizadas. Destarte, nem toda a produção chegou ao conhecimento público de maneira universal e concomitante, uma vez que a oralidade e a exclusão no acesso à informação dificultaram seu escoamento, além dos limites impostos pelas barreiras linguísticas que foram determinantes para aprofundar o quadro de isolamento intelectual.

O pensamento em bell hooks para a epígrafe, ilumina a compreensão e serve como testemunho das experiências das mulheres negras em diáspora africana. A intenção não é falar acerca da produção de um segmento de um país, que exerce hegemonia sobre os demais ou que exerce o domínio no campo intelectual sobre os países de Terceiro Mundo, ou em Desenvolvimento, já que, sem dúvida alguma, esta hegemonia se estende ao domínio econômico, político, geopolítico, dentre outras, dando corpo a um “modelo de cultura” e de conhecimento. O que se pretende, de fato, é refletir sobre as experiências de mulheres negras que viveram à margem do poder e de representação, que foram subjugadas ao longo de suas vidas e sofreram a exploração em suas próprias peles, quando tentaram invisibilizá-las em diferentes territórios.

A primeira mulher que se destaca e que causou grande impacto quanto ao enfrentamento ao racismo e ao sexismo norte-americanos, não só em função da época em que o fato ocorreu, mas também por denunciar publicamente e de forma contundente o conjunto de confluências de opressões, que poder-lhe-iam fazer calar a voz, foi Sojourner Truth. Nascida em 1797, sob o nome de

Isabella Betsey, em condição de escravidão e depois se tornou empregada doméstica. Esta mulher impôs sua fala durante o *II National Convention on Women's Rights*, em 1851², em Worcester, Massachusetts:

Mais de cem anos se passaram desde o dia em que Sojourner Truth ficou perante uma assembleia de mulheres brancas e de homens numa reunião anti-escravatura no Indiana e expôs os seus seios para provar que era de facto uma mulher. Para Sojourner, que viajou na longa estrada da escravatura até à liberdade, expor os seus seios era de pequena importância. Ela olhou a audiência sem medo, sem vergonha, orgulhosa de ter nascido negra e mulher. No entanto, o homem branco que gritou a Sojourner, “Eu não acredito que tu sejas realmente uma mulher”, não sabendo deu voz ao desprezo e desrespeito pela natureza feminina negra. Aos olhos do público branco do século XIX, a mulher negra era uma criatura sem valor para o título de mulher; era meramente a propriedade de alguém, uma coisa, um animal. Quando Sojourner Truth ficou de pé perante a Segunda Conferência Anual do Movimento do Direito de Mulheres em Akron, Ohio, em 1852, as mulheres brancas que acreditaram desadequado que uma mulher negra falasse na sua presença, numa plataforma pública gritaram:

² O registro do ano de 1852 do discurso de Sojourner Truth entra em conflito com outras fontes, uma vez que em DAVIS (2013, p. 49) registra-se o ano de 1851, assim como outras fontes consultadas. No entanto, adotarei o ano de 1851, mesmo que a pesquisadora Jabardo Velasco (2012) em “Feminismos Negros: Uma Antologia”, também se reporta às duas datas, o que considero ser um equívoco de digitação. Disponível em: <<https://www.traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Feminismos%20negros-TdS.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

“Não a deixem falar! Não a deixem falar! Não a deixem falar!” Sojourner aguentou os seus protestos e tornou-se uma das primeiras feministas a chamar a atenção para o destino da mulher negra escrava que, forçada pela circunstância de trabalhar lado a lado com os homens negros, era uma viva personificação da verdade que as mulheres podiam ser iguais aos homens no trabalho. (HOOKS, 1981, p. 115).

Este episódio demarca o acirramento em torno do direito ao voto. Sojourner era sufragista, abolicionista e feminista negra. O seu discurso, resgatado no passar dos tempos, traz um amplo leque de críticas às diferenças na condição feminina, sobredeterminada pela raça, pela classe social e pelo gênero na sociedade americana, que influenciou inúmeras feministas negras por seu conteúdo realista e pontual, quanto às reivindicações das mulheres negras:

No está bien. Ahora es el momento de hacer una firme demanda por el derecho de las mujeres. Qué hermoso será cuando podamos ver a mujeres sentadas como abogadas y juezas. Vemos a pobres mujeres que vienen a ser juzgadas por hombres. Si vamos a ser juzgadas por hombres, ¿por qué no podemos formar parte del asunto y juzgarles a ellos también? Cuando una pobre mujer está frente al juez, a veces el hombre que la mira desde arriba

tiene la nariz roja como un cigarro encendido. [Carcajadas] Ninguna mujer se atreve a hablar en su defensa. Le hacen ciertas preguntas para divertirse y ninguna mujer dice nada. Los hombres no tienen toda la autoridad. Yo quiero a mujeres en su lugar. [Carcajadas] Ellas sabrían qué preguntar y qué decir, cosa que los hombres no saben, porque yo he estado de pie, escuchando, y he visto a las pobres mujeres marcharse y los hombres reírse: «Je, je, je». [Risitas] (TRUTH, 2012, p. 64).

Esta é uma parte do discurso que Sojourner fez no primeiro aniversário de Associação Americana para a Igualdade de Direitos, em 21 de junho de 1851. E, é a grande *herstória* desta mulher, que aos 80 anos, reafirmou sua luta por direitos iguais confrontando o sistema patriarcal e racista que tentava cercar inúmeras vidas. Seu depoimento é um legado para todas as feministas negras em diáspora africana e finalizo sua contribuição com outro trecho de seu discurso:

Ya llevo aquí ochenta años —que es tiempo suficiente para cualquiera. Hay una gran cantidad de trabajo por hacer, así que voy a tener que quedarme. Yo fui esclava durante cuarenta años y he sido libre durante otros cuarenta, y me gustaría vivir otros cuarenta si pudiera conseguir igualdad de derechos. (TRUTH, 2012, p. 64).



Figura 01 – Pioneiras do Feminismo Negro Norte-americano – Sojourner Truth
Fonte: <http://www.blackpast.org/aah/truth-sojourner-isabella-baumfree-ca-1791-1883>

Sem dúvida alguma, a busca por direitos iguais foi o combustível para mover a ação das mulheres negras. E o legado deixado, foi o da importância e da necessidade de continuar em luta, como foi o caso de outra pioneira no Feminismo Negro, a jornalista e socióloga, Ida B. Wells, nascida em 1862, no estado de Mississippi – Holly Springs, também nasceu durante a escravidão. Sua jornada foi a luta contra linchamentos em Memphis, Tennessee:

Así mostró que entre 1880 y 1891 en torno a 100 negros fueron linchados. En el año 1892, año en el que mataron a sus amigos, otros 160 hombres fueron linchados, la mayoría por asesinato (58) y por violación (46). Denunció que los linchamientos se utilizaban para frenar el posible ascenso social de la población negra en el Sur.

Señalando las lógicas desde las que se denunciaba como violación cualquier contacto (a veces meramente verbal) entre un hombre negro y una mujer blanca, Wells introdujo uno de los temas que sería central en el feminismo negro: la forma en la que la intersección entre «raza» y género construye de forma desigual la sexualidad de la población blanca y de la población negra. Lo hizo subrayando los mecanismos a través de los cuales se demonizan las relaciones raciales entre hombres negros y mujeres blancas — usando el término de violación para cualquier tipo de contacto o acercamiento entre unos y otras — y la forma en la que se naturaliza cualquier forma de agresión sexual (violación) de hombres blancos a mujeres negras. (JABARDO VELASCO, 2012, p.31).



Figura 02 – Pioneiras do Feminismo Norte-americano – Ida B. Wells

Fonte: Image Domínio Público. <http://www.blackpast.org/aah/barnett-ida-wells-1862-1931>

Fonte: Image Ownership: Public Domain. <http://www.blackpast.org/1909-ida-b-wells-awful-slaughter>

O papel desempenhado por Ida B. Wells foi fundamental na definição sobre o conceito de interseccionalidade, ao destacar as diversas formas de opressão a que as mulheres afroamericanas estavam submetidas:

Wells' resistance to both racial and gender inequality reveals a sophisticated political philosophy. A committed campaigner for the rights of both women and African American regardless of gender, she

never sacrificed one group for the other, or the black women who inhabited both. She apparently understood what scholars like Kimberle Crenshaw have termed the “intersectionality” of oppression. As her anti-lynching campaign shows, she was keenly aware that sexism, racism and other forms of oppression were mutually constitutive and reliant (THOMAS, 2011).

Corroborando Jabardo Velasco (2012):

Escoger entre las cientos de voces rescatadas de este periodo a dos de ellas no era una tarea fácil. Sin embargo, Ida Wells y Sojourner Truth son sin duda dos de las más significativas. Lo son porque tanto desde posiciones teóricas — en el caso de Wells — como desde el coraje y la lucidez de una mujer iletrada — como Sojourner Truth —, sentaron las bases de lo que sería el pensamiento del feminismo negro, la clara alianza entre la reflexión teórica y las estrategias de movilización. También porque son reflejo de la forma colectiva de generar pensamiento del feminismo negro. A diferencia del feminismo blanco, que tiene su momento fundacional en la Ilustración y reproduce la racionalidad del pensamiento ilustrado, el feminismo negro surge en un contexto esclavista. Desde aquí, se pretende romper con la construcción individual del pensamiento filosófico ilustrado, apostando por la inclusión de distintos saberes, lógicas, actrices sociales. (JABARDO VELASCO, 2012, p. 28).

Será a Declaração Feminista Negra que sistematizará o pensamento feminista negro.

2. A Declaração Feminista Negra – 1974

No ano de 1974, *The Combahee River Collective*, coletivo integrado por feministas negras e lésbicas, publicaram *A Black Feminist Statement* (Declaração Feminista Negra) que estabelecia compromissos para o desenvolvimento de lutas contra a opressão racial, sexual, heterossexual e de classe. O feminismo negro foi definido como um movimento de lógica política para combater as múltiplas e simultâneas opressões a todas as mulheres negras. Em um de

seus enunciados, nele foi ressaltado o valor de todas as mulheres negras para a libertação, tendo em vista que nenhum outro movimento progressista ainda tivesse considerado esta luta como prioridade, ou mesmo nunca se empenharam para buscar o fim das opressões. O documento afirmava que são as mulheres negras que deveriam liderar, de forma consciente, esta libertação.

Above all else, our politics initially sprang from the shared belief that Black women are inherently valuable, that our liberation is a necessity not as an adjunct to somebody else's may because of our need as human persons for autonomy. This may seem so obvious as to sound simplistic, but it is apparent that no other ostensibly progressive movement has ever considered our specific oppression as a priority or worked seriously for the ending of that oppression. Merely naming the pejorative stereotypes attributed to Black women (e.g. mammy, matriarch, Sapphire, whore, bulldagger), let alone cataloguing the cruel, often murderous, treatment we receive, Indicates how little value has been placed upon our lives during four centuries of bondage in the Western hemisphere. We realize that the only people who care enough about us to work consistently for our liberation are us. Our politics evolve from a healthy love for ourselves, our sisters and our community which allows us to continue our struggle and work. (The Combahee River Collective, 1978, p. 02).

A Declaração Feminista Negra é um marco para a epistemologia feminista negra, uma vez que foi criado por ativistas, o que descontrói a concepção de algumas ativistas do *mulherismo* de

que o feminismo negro foi criado por mulheres negras burguesas acadêmicas.

3. Os feminismos negros no Brasil

No Brasil, os estudos de Silva (2005) vão resgatar reflexões sobre a especificidade das mulheres negras, a partir do olhar das escritoras negras, entre 1945 e 1964, no Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. Ao fazer a análise das ações políticas de Maria de Lurdes Nascimento, Nair Theodoro de Araújo e Antonieta de Barros, que já naquela época escreviam sobre a interseção de raça e gênero realizando, a autora apresenta um dos marcos da epistemologia feminista negra.

No Rio de Janeiro, quando é publicado o jornal Quilombo pelo Teatro Experimental do Negro³, com a gerência de Maria Nascimento e com sua coluna Fala Mulher Maria de Lurdes Nascimento (SILVA, 2005, p. 01-02) ampliou as fronteiras do aspecto não só racial como agregou as questões de gênero para dialogar sobre a situação das mulheres negras em diferentes zonas de confluências de opressão, como as moradoras de territórios discriminados.

O Conselho Nacional das Mulheres Negras que foi criado em 1950, dentro do Teatro Experimental do Negro, quando não havia nenhum conselho de outra espécie, também foi resgatado por Silva (2003):

Continuando nesta efervescência, na década seguinte foram realizadas, sob os auspícios do TEN, duas Convenções Nacionais do Negro. Ambas encaminharam à constituinte, através do então senador Hamilton Nogueira, uma “proposta de inserir a discriminação racial como crime de

lesa-pátria” (Huntley e Guimarães, 2000, p. 97). Prosseguindo na sua intensa lide organizativa, com eventos marcantes para a atividade política e cultural do negro brasileiro, também sob a batuta do TEN estavam a Conferência Nacional do Negro Brasileiro, o Primeiro Congresso do Negro Brasileiro e foi constituído o Conselho Nacional de Mulheres Negras (SILVA, 2003, p. 222).

Portanto, as ações das mulheres negras brasileiras neste Conselho são similares às ações políticas de Truth, Wells e do *The Combahee River Collective*, como aquelas que anteciparam as reflexões daquilo que viria a ser definido como interseccionalidade, tão em voga nos dias atuais.

No entanto, será Carolina Maria de Jesus, mineira, que se insere no cenário nacional, que trará ao público o cotidiano de uma moradora da favela do Canindé, Zona Norte de São Paulo. Ela expressou a visão de uma catadora de lixo e produziu um clássico da literatura brasileira, que é o livro *Quarto de Despejo*. Nesta autobiografia através de um diário, encontram-se relatos sobre as opressões de classe, a relação com a vizinhança, a denúncia da classe política, a reflexão das relações amorosas, a jornada de trabalho sub-humano nas quais as mulheres negras estavam submetidas. Reflete, ainda, o compromisso de chefe de família e seu empenho e compromisso com a educação e nos proventos aos filhos.

Contudo, que algumas mulheres negras tenham se destacado na luta pelos seus direitos e pelos direitos de todas as mulheres negras⁴, será a partir da década

³ Jornal Quilombo. Ano I, Rio de Janeiro, maio de 1949.

⁴ São destaques, entre outras: Felipa de Souza, (1560-1600), Dandara (...-1694), Teresa de Benguela (século XVIII), Maria Filipa (1822-1873), Luiza Mahin (século XIX), Mãe

de 1970, que as mulheres negras intensificaram a crítica das opressões seja nos movimentos negros, de favela ou feminista. Todas empreenderam intensos debates acerca de direitos sociais, políticos, econômicos e civis. Era o momento de demarcar as especificidades das ações políticas do movimento de mulheres negras; das demandas das mulheres negras; da situação dessas mulheres negras e de suas necessidades ou condições de vida, com o objetivo de construir a identidade do movimento com foco nas desigualdades de raça, gênero e classe. (LEMOS, 2015, p. 208-209).

O início dos anos 1980 é marcado pelo acirramento das fronteiras das especificidades, onde pode ser constatado que as bandeiras das feministas brancas se distinguiam daquelas defendidas pelas mulheres negras seja da classe média ou de faveladas. As questões relacionadas às mulheres negras eram invisibilizadas.

Um dos episódios que me vem à memória refere-se a uma das reuniões do movimento feminista, quando as brancas contestavam nossas falas sobre a importância da luta por creches comunitárias. Ora, como éramos as babás e as empregadas domésticas de suas casas e, as nossas crianças ficavam “soltas” nas favelas quando trabalhávamos, o que poderia justificar a adesão às nossas reivindicações, mas “elas” foram aliadas às nossas propostas. A luta por creches comunitárias era uma bandeira tão importante para as mulheres negras moradoras das áreas pobres, que assumíamos com toda a força em nossa ação política. Dessa relação tensa, hooks (2013) reflete:

Menininha do Gantois (1894-1986), Lélia Gonzalez (1935-1994).

A grande maioria das feministas brancas não via com bons olhos nossos questionamentos dos paradigmas feministas que elas buscavam institucionalizar; e, por outro lado, muitos negros simplesmente viam nosso envolvimento como a política feminista como um gesto de traição e desconsideravam nosso trabalho (HOOKS, 2013, p. 165).

O depoimento de Bell Hooks (2013), anteriormente citado, demonstra que reações similares ocorreram em outros locais. No Brasil, também a participação das mulheres negras no feminismo branco se dava com muitos embates. Assim como nos Movimentos Negros, os embates para a participação das mulheres negras eram frequentes. As ativistas feministas preconizavam os valores hegemônicos da raça branca, por conseguinte, não estavam imunes às práticas que desconsideravam as diferenças étnico-raciais.

Por outro lado, a participação nos movimentos negros agregaria outra dimensão do não contentamento e da falta de representatividade no processo de luta política, que versava sobre a percepção de que não bastaria priorizar a luta contra o racismo, se não fossem questionadas as práticas sexistas e machistas dos homens que lideravam as instituições dos Movimentos Negros.

A presença das mulheres negras era sistematicamente secundarizada, uma vez que as tarefas assumidas pelas mulheres negras, no processo da luta política contra o racismo, reservavam e reafirmavam o lugar da subalternidade. O ápice da tensão se dava diante da negação no ato de compartilhar o microfone e que piorava quando disputávamos a representação política. As intervenções nas reuniões eram desqualificadas, tendo em vista que a expectativa e as solicitações dos

homens negros era para que assumíssemos as tarefas tradicionalmente reservadas às mulheres. Este cenário deixava evidente a estrutura patriarcal reproduzida pelos militantes, sem contar os constantes apelos à nossa sexualidade configurando outro ponto de tensão, tendo em vista as constantes investidas, cantadas e a declarada crítica e aversão, por parte de alguns homens negros, contra as lésbicas negras.

Um exemplo que posso resgatar neste artigo, diz respeito ao texto publicado pelo historiador Joel Rufino, quando estava presidente da Fundação Cultural Palmares, ocasião em que comparou a mulher negra, mas o termo que ele usou foi “mulata”, e escreveu, no livro *Atrás do Muro da Noite* (BARBOSA, 1994), Lemos (1997, p. 45), que a mulher ideal seria a mulata, pois ela reúne a beleza da branca e a facilidade da preta:

A parte mais óbvia da explicação é que a branca é mais bonita que a negra e quem prospera troca automaticamente de carro. Quem me viu dirigindo um Fusca e hoje me vê de Monza tem certeza de que já não sou um pé-rapado: o carro como a mulher é um signo. Há no Brasil uma multidão de pretas bonitas, mas a forma da beleza é branca. A preta que se aproxima dela passa a cabrocha, jambete, mulata, etc. Um brasileiro é que percebeu isso bem, ao explicar a queda nacional pela mulata: é a mulher ideal, pois tem, ao mesmo tempo, a beleza da branca e a facilidade da negra (RUFINO, 1994, p. 163).

Na época, a afirmação gerou muita polêmica e tensão entre as feministas negras e o historiador. Destaco a crítica de Carneiro (1995), que traduz a percepção sobre o incidente:

Sob outro aspecto é fundamental e estratégico para ele desqualificar em especial a mulher negra porque atrás do rosto escuro de cada uma de nós estão mães, avós, irmãs, escravas, mucamas de cama, mesa e banho. Testemunhas de uma história de derrotas e fracassos da qual somos todos herdeiros e que nenhuma **estória** de mobilidade social individual pode apagar. Sua recuperação coletiva de nossa capacidade de autodeterminação poder fazê-lo. E é isto que homens e mulheres negros organizados buscam realizar através das inúmeras entidades negras espalhadas por todo o país, que na luta política cotidiana contra o racismo e a discriminação racial forjam propostas de emancipação social e de resgate da dignidade de todo o povo negro deste país.

Mas, paradoxalmente, Joel Rufino prefere esquecer a história e opta por escrever **estórias** em que seres humanos são transformados em Fuscas e Monzas, pilotados por um pobre neguinho que um dia dormiu e sonhou que era campeão de Fórmula 1. (CARNEIRO, 1995, p. 552).

Como se vê, as tensões eram multidirecionadas e diante desses dois polos incongruentes, Feminismo Branco e Movimento Negro e o Feminismo Negro toma forma e se intensifica nesse período chegando ao auge nos anos 1980 com a criação de diversas ONGs de mulheres negras, que irão se avolumar nos anos 1990. Em sua pesquisa, Santos (2009, p. 283) resgata o papel das ONGs de Mulheres Negras no Brasil, identificando que essa ação política foi vital, no que se refere à mobilização nacional e internacional das afrodescendentes – bem como de vários outros atores sociais e instituições –, para pensar as formas

pelas quais o racismo operava historicamente pelo mundo.

Diante do quadro no qual as mulheres negras se consideravam sub-representadas, é fundado o NZINGA: Coletivo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro, [figura 03], no ano de 1983, que se configurou na primeira entidade do feminismo negro – mesmo que essa

terminologia não fosse adotada à época. Ao lado de Lélia Gonzalez, Jurema Batista, Sandra Bello, eu, Elizabeth Viana, Jane Thomé, Miramar Correa, dentre outras davam um novo tom à luta das mulheres negras no Rio de Janeiro, unindo mulheres negras de classe média e de favelas.



Figura 03 – Boletim Informativo N’zinga – julho de 1985
Fonte: Arquivo pessoal de Rosalia Lemos

A criação do NZINGA é o marco para o Feminismo Negro contemporâneo no Brasil devido seu posicionamento político nas relações de gênero e raça. E vale destacar a relevância da iniciativa da ativista, professora mestre e a política, Lélia Gonzalez que iria iniciar a sistematização do pensamento feminista negro e faria de sua produção intelectual, um veículo de militância e de repúdio austero à Democracia Racial no Brasil. Em seus textos, encontram-se a denúncia do racismo, do sexismo, das discriminações por orientação sexual e suas incidências sobre as mulheres negras. Assim como as escritoras dos anos 1940 e 1950, Lélia pensava nos sistemas de opressão interseccionados, conceito que estarão presentes nas produções das afronorteamericanas, tais como Sojourner Truth, Ida B. Wells, Kimberley Crenshaw, Patrícia Collins,

Ângela Davis, bell hooks, dentre outras, cujas contribuições foram apresentadas anteriormente.

A produção intelectual de Lélia Gonzalez contribuiu para dar visibilidade acadêmica à epistemologia feminista negra no Brasil. Seus textos, para além de descrever situações de opressões impostas por um sistema racializado, acrescentam a reflexão sobre a importância do ativismo na transformação da realidade da mulher negra brasileira. Há um legado de luta em seus textos que vão além da constatação das situações cotidianas de embates no feminismo tradicional (hegemônico ou branco), nos partidos e no movimento negro.

Havia um movimento concomitante das mulheres de favelas se inseriram nesses espaços de luta e passam a se organizar através do CEMUFP – Centro de

Mulheres Negras de Favela e Periferia. Estas mulheres agregaram ao debate racial e de gênero, a classe social como determinante e definidora de graus de dominação e opressão. Assim, as bandeiras que inquietavam diversas mulheres faveladas não encontravam eco no movimento feminista branco devido às diferenças de origem racial e social e, por outro lado, o sexismo pragmático dos Movimentos Negros reservava às negras um lugar de segunda categoria no exercício político e de sua própria existência.

É interessante notar que algumas ativistas negras, advogam ter sido o embate de cunho nacional em Bertioga, durante o III Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe como o marco para o nascimento do feminismo negro, quando no ano de 1985, 27 mulheres negras de favelas do Rio de Janeiro protagonizam o primeiro embate nacional entre negras e brancas, ao articularem um ônibus com lideranças de favelas, organizadas pelo CEMUFP para tentar participar do evento, sem ter feito inscrição prévia. (LEMOS, 1997, p. 78)⁵.

⁵ Atualmente adoto a terminologia Feminismo Branco, uma vez que tradição por tradição, as mulheres negras também foram feministas em épocas remotas, mesmo não sendo reconhecidas como tal, uma vez que o senso comum considerava mulher, apenas a mulher branca e, conseqüentemente, as ações políticas das mulheres negras que lutavam por igualdade de gênero não eram consideradas como lutas de feministas. Também não adoto o termo Hegemônico, uma vez que sempre houve resistência por parte das mulheres negras contra a imposição de um modelo de feminismo das classes dominantes brancas, por questões diversas que vão desde o uso da oralidade para transmissão do conhecimento à fragilidade no acesso ao ensino regular, fazendo com que as produções das mulheres negras foram invisibilizadas.

Não vejo fundamento neste pensamento, uma vez que fui no ônibus para participar do evento – tinha ganho bolsa para participação representando o NZINGA – e, em nenhum momento as mulheres no ônibus faziam reflexões feministas, inclusive, grande maioria não se intitulava feminista, mas sim “militantes do movimento de mulheres negras. As escritas de Maria Amália de Almeida Teles (199. p. 12) contribuem para se refletir sobre a distinção entre movimento de mulheres e movimento feminista:

A expressão “movimento de mulheres” significa ações organizadas de grupos que reivindicam direitos ou melhores condições de vida e trabalho. Quanto ao “movimento feminista” refere-se às ações de mulheres dispostas a combater a discriminação e subalternidade das mulheres e que buscam criar meios para que as próprias mulheres sejam protagonistas de sua própria história.

O que estava em jogo era a busca pelo direito de falar, de participar e fazer com as próprias vozes e mãos suas *herstórias*. O que as mulheres negras brasileiras exigiam era aliar a luta contra o racismo, contra o sexismo, contra o preconceito e contra a exploração vivida pelas mulheres de favelas e o repúdio às normatizações de comportamentos sexuais –, pois tais pautas quando anunciadas pelas mulheres negras não eram consideradas importantes nem mesmo relevantes, muito menos eram articuladas no que tange às especificidades para a autodeterminação das mulheres negras.

Suely Carneiro observa que o atual movimento de mulheres negras, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero,

promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelo movimento negro e de mulheres do país. De um lado, “enegrecendo” as reivindicações das mulheres, tornando-as mais representativas no conjunto das mulheres brasileiras, e, por outro, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro (CARNEIRO, 2011, p. 03).

A relevância de registrar a nossa herstory, tem contribuído para demarcar, intensificar e conferir maior visibilidade para a construção do conhecimento científico sobre mulheres negras, isso porque, nas ciências sociais esse conhecimento se dá através da sistematização baseada em uma epistemologia europeia e norte-americana. Fato que merece a crítica em Ochy Curriel Pichardo (2014):

Este reconocimiento no puede ser solo un insumo para limpiar culpas epistemológicas, no se trata de citar feministas negras, indígenas, empobrecidas, para dar el toque crítico a las investigaciones y a los conocimientos y pensamientos que se construyen. Se trata de identificar conceptos, categorías, teorías que surgen desde las experiencias subalternizadas, que son generalmente producidas colectivamente, que tienen la posibilidad de generalizar sin universalizar, de explicar distintas realidades para romper el imaginario de que estos conocimientos son locales, individuales, sin posibilidad de ser comunicados (PICHARDO, 2014, p. 57).

Nos últimos tempos se verifica maior aproximação das universidades com os movimentos sociais e vice e versa, o que indica que a longo prazo, este campo de pesquisa estará mais representado e novas pesquisas poderão

produzir novos conhecimentos científicos sobre os Feminismos Negros. Entretanto, desafios ainda persistem para descentralizar os estudos na academia brasileira, conforme sinaliza Claudia Pons Cardoso (2012) quando analisa que:

A investigação feminista negra realizada a partir de um posicionamento epistemológico de forasteira de dentro (*outsider within*) requer que intelectuais aprendam a confiar em suas próprias biografias pessoais e culturais como importantes fontes de conhecimento. Assim se faz emergir as experiências das mulheres negras, na medida em que a omissão e a distorção serão confrontadas fazendo com que os feminismos, nesta perspectiva, surjam como diferentes lutas e falem de experiências subjetivas historicamente construídas de diferentes mulheres. (CARDOSO, 2012, p. 86).

Diante das resistências que têm sido flexibilizadas na academia a que se refere Claudia Pons Cardoso (2012), vale registrar o baixo investimento na circulação e adoção de uma literatura negra em suas disciplinas obrigatórias impedindo maior visibilidade destas produções.

4. O feminismo negro no ativismo contemporâneo no Brasil

Na atualidade, verifico maior interesse de pesquisadoras do Feminismo Negro e por parte das ativistas das diferentes neo denominações sobre o termo, que ampliam as análises e propõem estudos interseccionais com grande variedade temática: educação, saúde, organização, trabalho, dentre outros.

Algumas subdivisões do Feminismo Negro têm sido construídas, tais como Mulherismo (sua origem é o *Womanism* de Alice Walker e ressignificado por

feministas africanas); Feminismo de Favela, Feminismo de Periferia, Feminismo Quilombola, Feminismo Negro Interseccional (parece um pleonasma, uma vez que o feminismo negro é por definição interseccional). O feminismo praticado pelas mulheres da periferia ser como exemplo:

“As lutas das mulheres negras e periféricas são diferentes pois passamos por experiências e temos demandas diferentes. O feminismo praticado na periferia se mobiliza então por essas causas específicas, que nem sempre o acadêmico contempla, o que não impede o diálogo, achamos que há um fluxo constante entre os dois. O acesso à universidade pelas feministas da periferia tem sido importante, nesse caso. (LIMA, 2015).

As ativistas do Feminismo Negro estão em constante diálogo com a atualidade, quando as urgências passam da esfera da identidade de grupo de ação à potencialização de mecanismos que possibilitem um olhar multidimensional para a realidade multifacetada, com vistas a transformar bandeiras de lutas e denúncias em ações concretas e propositivas de mulheres negras que têm demarcado seu campo de luta pela autodeterminação e melhoria de suas vidas.

A Marcha das Mulheres Negras – 2015 contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver se caracterizou em um ponto focal para a organização de mulheres negras, para o resgate de grupos em inatividade, para o surgimento de novos coletivos feministas negros e para a difusão de conhecimentos sobre os Feminismo Negros, assim espero e acredito.

Referências

CARDOSO, Cláudia Pons. Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras. Salvador. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2012. Disponível em: <http://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/engrecendo-o-feminismo.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2014.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, Raça e Ascensão Social. Estudos Feministas, Rio de Janeiro: IFCS, UFERJ - PPCIS/UERJ, 1995.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo. 1ª edição 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro 2014.

TRUTH, Sojourner. IN Jabardo Velasco, Mercedes. Feminismos negros Una antologia. 2012, de la edición, Traficantes de Sueños. Disponível em: <https://www.traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Feminismos%20negros-TdS.pdf>. Acesso 10 de julho de 2016.

JESUS, Carolina de. Quarto de Despejo. Ática & Francisco Alves, 1969. Disponível em: <https://www.dropbox.com/sh/e67jbpvtzxv3azi/AAC9VZ1W6aFX2Y48Kgl1YKPfa/1960%20-%20Quarto%20de%20despejo%20-%20Carolina%20Maria%20de%20Jesus..pdf?dl=0>. Acesso em 3 de maio de 2013.

LEMOS, Rosalia de Oliveira. Mulheres negras marcham em 2015 pelo bem viver. *Revista SER Social*, Brasília, v. 17, n. 36, p. 207-224, jan.-jun./2015. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/viewFile/14957/11996. Acessado em 28 de novembro de 2015.

LEMOS, Rosalia de Oliveira. O Feminismo Negro em Construção: a organização das mulheres negras no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. UFRJ – Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 1997. Disponível em: https://www.academia.edu/8587583/O_Feminismo_Negro_em_Constru%C3%A7%C3%A3o_a_Organiza%C3%A7%C3%A3o_das_Mulheres_Negras_no_Rio_de_Janeiro. Acesso em 10 de junho de 2015.

LIMA, Livia. Pretas, periféricas e sobreviventes. In Blog Frida Diria, 18 de agosto de 2015. Disponível em: <http://www.fridadiria.com/pretas-perifericas-e-sobreviventes/>. Acesso: 23 de abr. 2017.

PICHARDO, Ochy Curiel. Construyendo metodologías feministas desde el feminismo decolonial. In: Otras formas de (re)conocer. Reflexiones, herramientas y aplicaciones desde la investigación feminista. Organizadoras: Irantzu Mendia Azkue, Marta Luxán, Matxalen Legarreta, Gloria Guzmán, Iker Zirion, Jokin Azpiazua Carballo, 2014.

RUFINO, Joel. In BARBOSA Wilson do Nascimento. Atrás do Muro da Noite (Dinâmica das Culturas Afro Brasileiras) Brasília, Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 1994, p. 163.

SILVA, Joselina da. Feministas negras entre 1945 e 1964: o protagonismo do Rio de Janeiro. São Paulo e Santa Catarina: Fazendo Gênero 7, 2006. Disponível em:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/J/Joselina_da_Silva_40.pdf. Acesso em 29 de abr. 2015.

SANTOS, Sônia Beatriz dos. As ONGs de mulheres negras no Brasil. Soc. e Cult., Goiânia, v. 12, n. 2, p. 275-288, jul./dez. 2009.

SILVA, Joselina da. A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. *Estud. afro-asiát.* [online]. 2003, vol.25, n.2, pp.215-235. ISSN 0101-546X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-546X2003000200002>.

THE COMBAHEE RIVER COLLECTIVE: "The Combahee River Collective Statement," A Black Feminist Statement. 1978. Disponível em: <http://circuitous.org/scraps/combahee.html>. Acesso 09 de junho de 2016.

THOMAS, Adam. Her Birthday: Ida B. Wells. July 22, 2011. Disponível em: <http://www.thefeministwire.com/2011/07/on-her-birthday-ida-b-wells/>. Acesso 10 de julho de 2016.